

A arte de uma Europa que há-de vir

Em “Europa Oxalá”, exposição que abre esta sexta-feira na Gulbenkian, 21 artistas plásticos europeus com origens familiares nas antigas colónias em África reflectem sobre as suas heranças, memórias e identidades. É um espaço de reflexão que se abre sobre o futuro da arte na Europa.

Ricardo Ramos Gonçalves

ricardo.goncalves@novo.japanews.pt

A percepção é essencial, bem como o seu contexto: logo à entrada de “Europa Oxalá”, a exposição que abre portas ao público esta sexta-feira no Museu Calouste Gulbenkian, em Lisboa, duas mãos em gesso, atadas por um velho cinto de couro, deixam ante- ver a reflexão que entre as obras de 21 artistas plásticos com origens familiares nas antigas colónias africanas se materializa. “Dada” (2018), o nome da obra da artista francesa Sabrina Belouaar, é

uma homenagem ao pai, imigrante africano que trabalhou como operário numa fábrica de cintos. Mas é também uma obra com referências à escravatura e ao período colonial – premissas fundamentais desta mostra onde se reúnem cerca de 60 obras de pintura, desenho, escultura, filme, fotografia e instalação.

Integrada na Temporada Cruzada Portugal-França, “Europa Oxalá”, inicialmente apresentada no Musée des civilisations de l’Europe et de la Méditerranée, em Marselha, tem como primeiro objectivo apresentar um conjunto de artistas afro-europeus cujos pais e avós nasceram ou

**EUROPA
OXALÁ**
Museu
Calouste
Gulbenkian
De 4 de Março
a 22 de Agosto

Com
“Le bras
du Cardinal”
(2016),
de Fayçal
Baghriche,
aborda-se
o movimento
de derrube
de estátuas
com
conotação
colonial



FOTOGRAFIA DIANA TINOCO

viveram em Angola, Congo, Benim, Guiné, Argélia ou Madagáscar. O trabalho destes artistas, de segunda ou terceira geração e já nascidos na Europa, resulta das memórias herdadas, indirectas, que lhes chegam de forma difusa no seio da família, de grupos de amigos e da vida pública quotidiana.

Por isso mesmo, não se trata de uma exposição de arte africana, ainda que não deixe de ser uma mostra integrada nas questões pós-coloniais que desbravam caminho, hoje em dia, na Europa. “Trata-se de um processo irreversível. Ao contrário da primeira geração de africanos que vieram para a Europa, estes artistas não estão preocupados com esse regresso nostálgico a África. Como europeus que são, estão muito preocupados com o futuro da Europa e a sua reflexão ganha forma por isso mesmo”, diz ao NOVO António Pinto Ribeiro, comissário da exposição.

Europa multiforme

Na galeria principal da Gulbenkian, a multiplicidade de abordagens plásticas, de materiais usados e de cores patentes nestas obras reforçam o carácter inovador e transnacional dos artistas ali reunidos.

As esculturas do belga John K. Cobra, as cartografias e colagens da franco-argelina Katia Kameli, bem como as ilustrações vibrantes do português de origem cabo-verdiana e angolana Francisco Vidal são apenas alguns exemplos da reflexão sobre identidade e memória, mas que consolida também um olhar para o futuro.

O título da mostra é, por isso mesmo, sugestivo: “No ‘oxalá’ está essa ideia do que há-de vir e de horizonte, e é isso que se supõe.

É uma exposição com imensa energia e com uma afirmação patente em relação ao futuro”, sintetiza o comissário.

Além da exposição, “Europa Oxalá” conta com um programa paralelo de conferências, mesas-redondas, concertos-performances e fins-de-semana musicais, em diálogo com os temas e as obras destes artistas. António Sousa Ribeiro, director do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e Bénédicte Savoy, historiadora da arte especializada na investigação crítica da proveniência de obras de arte, incluindo arte saqueada e objectos culturais adquiridos ilegalmente, são os primeiros oradores convidados, nos dias 9 e 23 de Março, respectivamente.

Já durante os meses de Verão, o público será convidado a participar em três fins-de-semana musicais (24-26 de Junho, 1-3 de Julho e 8-10 de Julho) no jardim, num programa com curadoria do músico Dino D’Santiago. Haverá também cinema ao ar livre (24-25 de Junho, 1-2 de Julho e 8-9 de Julho) e um momento de teatro criado e protagonizado pela actriz e encenadora Zia Soares, a 15 de Julho.

Numa altura em que a própria Europa se interroga pela sua “incerteza de identidade”, como realça Pinto Ribeiro, “Europa Oxalá” surge como janela de oportunidade e de visibilidade para um conjunto de artistas que, a partir do espaço europeu, constroem um futuro que não se desliga do passado. Pelo contrário, são as marcas desse tempo que trilharam um caminho feito de diálogo entre gerações, derrubando preconceitos que ainda hoje marcam o mundo ocidental. O futuro, esse, já está a começar.

No conjunto das obras expostas trata-se a temática do racismo, o estatuto da mulher na sociedade contemporânea ou a desconstrução do pensamento colonial

